

IMAGENS DA DESCONSTRUÇÃO NA *HISTÓRIA DO BRASIL*, DE MURILO MENDES

Luciane da Mota Frota

Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa / PUC-Minas

RESUMO

Este estudo se propõe a fazer uma análise da postura desconstrucionista adotada pelo poeta Murilo Mendes nos poemas que compõem sua obra *História do Brasil*. Produzidos logo depois da fase inicial do Modernismo, tida como a mais radical e mais ousada, os poemas desse livro servem perfeitamente de base a uma leitura daquilo que Jacques Derrida propôs como desmanche de princípios e de postulados. Enfim, numa leitura dos textos murilianos poder-se-á descobrir significados que não se revelam claramente ao leitor, pois desconstroem um legado histórico construído ao longo de anos, para se propor uma nova identidade e história tipicamente nacionais.

PALAVRAS-CHAVE

Imagem, desconstrução, Modernismo, história nacional, identidade

Num primeiro momento é importante perceber que os poemas de Murilo Mendes publicados em *História do Brasil*, cuja primeira edição é de 1932, foram produzidos logo depois da fase inicial do Modernismo brasileiro; aquela que foi a fase mais radical, a mais ousada e a mais irônica, marcada pelo que diz João Cabral de Melo Neto de um “espírito novo”¹ de construção e desconstrução do passado. Esse momento é tido pela crítica nacional, que trata do movimento, como o mais preocupado com o projeto estético do Modernismo voltado para a quebra da tradição e da linguagem. Os modernistas idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922 buscavam o rompimento com a tradição e com as formas clássicas de arte, assim como também, uma

¹ TELLES. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*, p. 167.

nova construção identiária para o Brasil, através da literatura, pois “a construção da identidade é indissociável da narrativa e conseqüentemente da literatura”.² O período no qual os poemas de Murilo Mendes foram publicados possui uma diferença em relação a esse momento primeiro do Modernismo. Segundo o crítico João Luiz Lafetá, durante o decênio de 30 o movimento modernista irá atingir sua fase áurea de maturidade, uma vez que os modismos e o combate estético serão deixados de lado para dar lugar a uma literatura com uma visão mais crítica e problematizadora da realidade brasileira.³ É por isso que as imagens encontradas na poesia de Murilo Mendes estão assim, carregadas de brasilidade e de espírito nacional, numa tentativa de se desconstruir e construir uma nova identidade para a nação. Isso porque a poesia também permite imaginar a nação. E nação, nos dizeres de Benedict Anderson, como uma comunidade política imaginada, em que o nacionalismo pode ser compreendido, pondo, lado a lado, não ideologias políticas abraçadas com consciência, mas com os sistemas culturais que lhes precederam e que passaram a existir.⁴ Esse conceito de nação proposto por Anderson cabe muito bem aos pressupostos de Murilo Mendes ao compor a sua obra *História do Brasil*, a qual nos propormos a esta análise.

Já sabemos que um texto está diretamente ligado ao momento cultural e ideológico em que se insere, e os signos produzidos certamente estarão diretamente ligados a concepções propostas nesse período, isso porque, de acordo com Goulart:

O significado de um signo é, invariavelmente, o significado daquele signo-em-um-contexto, o que quer dizer que ele é inteiramente dependente do significado daquele signo em todos os demais contextos em que foi usado ou em que poderia ter sido usado.⁵

Assim, percebe-se que os poemas de Murilo Mendes, mesmo tendo sido publicados um pouco depois da década de 1920, dialogam, ainda assim, com o primeiro momento modernista, tido como o mais radical e também com período atual, da década de 1930, pois:

No modernismo brasileiro de 1922, apoiados nas vanguardas européias, os autores defendem a identidade nacional e propõem uma revisão total do fazer literário; reivindicam um sistema gramatical

² BERND. *Literatura e identidade nacional*, p. 19.

³ LAFETÁ. *1930: a crítica e o Modernismo*, p. 31.

⁴ ANDERSON. *Nação e consciência nacional*, p. 16.

⁵ GOULART. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*, p. 14.

brasileiro, uma ruptura com a dicção retórica portuguesa, perseguindo a proposta iniciada pelos românticos.⁶

Pode-se perceber que, diante dessas propostas veiculadas pelo contexto histórico das décadas de 1920 e 1930, Murilo não fugirá à proposta desse momento em seus textos de *História do Brasil*. Seus poemas irão revisitar a história brasileira. Mas não pense o leitor desatento que essa história será reafirmada, pois se enganaria em considerar esse aspecto dos poemas lidos. A subjetividade do eu lírico, suas emoções e seus sentimentos serão transformados em personagens e fatos que constituíram a cultura passada do Brasil. Essa representação se dará de forma irreverente e irônica, sob o olhar crítico, desconstrucionista e recriador desse fabuloso poeta. Murilo Mendes irá reler a história do Brasil de forma paródica, subvertendo o nosso passado histórico, já que a nossa história dita oficial foi instituída por um processo colonizador europeu, ou seja, uma história feita por europeus, com modelos europeizados, imaginada pela Europa, que teimava em desconsiderar a pluralidade cultural e a mestiçagem de nosso povo. É a reescrita da desconstrução do eurocentrismo que irá permear toda a criação do poeta nos poemas desse livro, isso porque, segundo Derrida:

O sentido deve esperar ser dito ou escrito para se habitar a si próprio e tornar-se naquilo que a diferir de si é: o sentido. É o que Husserl nos ensina a pensar em *A origem da Geometria*. O ato literário reencontra assim na sua origem o seu verdadeiro poder. Num fragmento do livro que projetava consagrar à *Origem da verdade*, Merleau-Ponty escrevia: “A comunicação em literatura não é simples apelo do escritor a significações que fizessem parte de um *a priori* do espírito humano: muito pelo contrário suscita-as nele por atração ou por uma espécie de ação oblíqua. No escritor o pensamento não dirige a linguagem do lado de fora: o escritor é ele próprio como um novo idioma que se constrói...”⁷

É assim que, nos poemas de *História do Brasil*, Murilo Mendes busca uma nova construção identitária para o Brasil, pois nota-se, na criação poética dessa obra, um eu lírico que quer se formar a partir de uma expressão nacional, que vê a cultura brasileira em sua pluralidade como na verdade ela seria. “Murilo Mendes, em sua visão crítica da brasilidade, reconhecia nessa civilização mestiça uma pluralidade de culturas, uma assimilação dos moldes europeus, metamorfoseados numa produção tipicamente

⁶ SILVA. *Murilo Mendes; Orfeu transubstanciado*: ensaio, p. 21.

⁷ DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 24.

brasileira”⁸ e, assim, a partir das misturas e assimilações como expõe Francis Paulina em seu ensaio sobre Murilo Mendes, iremos entendendo quais serão as propostas desse autor em sua releitura da nossa tradição, da nossa cultura e da nossa história.

A proposta de Murilo Mendes é a de se fazer uma criação artística que nega categoricamente o passado. Para Michel Foucault:

É preciso por em questão, novamente essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-los da sombra onde reinam.(...) É preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares.⁹

A inquietação e a desconstrução serão, portanto, elementos constantes nos poemas analisados. O que se destaca neles é uma poesia que se volta para a desconstrução do velho e para a construção do novo a partir de uma releitura de modelos antigos. É a busca de uma identidade tipicamente brasileira que irá perpassar essas poesias de Murilo Mendes, que possivelmente via no nosso passado uma intensa fonte de inspiração e recriação, porque a década de 1930, momento em que os poemas de sua *História do Brasil* foram publicados, passava por um processo de crise e desordem nacional. As ideias modernistas refletiam tão somente essa imagem de desordem. A crise estava em toda parte: na Europa, a difusão das ideias comunistas, a desigualdade e a insatisfação entre os operários nas fábricas e todos aqueles problemas, o que acarretou em mais uma grande guerra que abalaria o mundo todo. No Brasil, também a reafirmação das ideias integralistas de Getúlio Vargas traria ao governo uma nova possibilidade de política para o Brasil, depois da Revolução de 30, que seria com certeza mais aberta, diferentemente daquela governada pelo poder das oligarquias. Veremos, então, que a criação poética de Murilo Mendes será como uma espécie de permissão para representar todas essas mudanças, sociais, políticas e culturais ocorridas no Brasil, uma vez que o contexto sócio histórico cultural pedia um debate maior em torno da história nacional e da situação de vida do povo brasileiro.¹⁰

⁸ SILVA. *Murilo Mendes; Orfeu transubstanciado*: ensaio, p. 23.

⁹ FOUCAULT. *A arqueologia do saber*, p. 24.

¹⁰ LAFETÁ. *1930: a crítica e o Modernismo*, p. 32.

Dessa forma, Murilo Mendes procura unir as duas histórias que o motivaram à elaboração de tais poemas, ou seja, uma história, dita oficial, que foi escavada na tradição do processo colonizador eurocentrista do Brasil e tão difundido entre os românticos de forma idealizada e ufanista, e a outra, elaborada e pensada de forma crítica, levando em consideração a formação brasileira de forma plural e subjugada pelos europeus e que será transformada em poesia por esse poeta. Essa tentativa de transformação da história do Brasil em poesia é que dá cor local e ousadia aos poemas analisados. O poeta representa uma construção do discurso, que expressa não somente sobre si ou sobre o fazer literário, mas que estabelece uma relação de força e de poder, com o social e com os ideais de nação, não como uma nação imaginada, mas como uma nação construída.

Essa desconstrução do passado, proposta por Murilo Mendes, nada mais é do que uma suspensão da homogeneidade instituída por aqueles que no passado escreveram uma “história” para o Brasil simplesmente considerando os modelos europeizados. Essa “história literária” muriliana nos remete a uma quebra da tradição, isso porque, segundo Reinaldo Marques: “uma tradição literária comumente se alimenta e vive das imagens que abriga e põe em circulação. Imagens que são reformadas e relidas pelo processo incessante da produção e recepção literárias.”¹¹ Será, pois, através da retomada de algumas imagens do Brasil que iremos compreender a atividade poética desse autor, que representa agora uma fase mais construtiva e politizada da literatura brasileira, preocupada em rever os paradigmas já institucionalizados.

Assim é que, no poema “Divisão das Capitâneas” já poderá o leitor se deparar com uma formação miscigenada e heterogênea para o Brasil:

A primeira pros londrinos,
Pra assentarem telefones,
Bondes puxados a burros
Naturais deste país;
Cruzados nos emprestaram
A cinco por cento ao mês.

A segunda dos holandeses,
Pra ensinarem a fazer queijo,
Lidar direito com moinhos
E algumas regras de asseio.

A terceira pros franceses,
Que trouxeram nas fragatas
Muitos vidros de perfume,

¹¹ MARQUES. Poeta e poesia inconfidentes: um estudo de arqueologia poética, p. 88.

Mulheres muito excitantes,
Maneiras finas, distintas
E romances de adultério.
Quem falou francês foi nós.

A quarta foi para os turcos,
Pra vender chitas, miçangas
Na porta das mamelucas.
Compraram a capitania
Em diversas prestações.

A quinta aos italianos
Ajudam a lavrar a terra,
Engraxaram as botas da gente;
Nas sacolas de emigrante
Trouxeram discos de canto
Que amenizam a nossa vida
Na hora do inglês chegar.¹²

Nessas primeiras cinco estrofes do poema podemos perceber como as terras brasileiras foram divididas e exploradas pelos estrangeiros, impondo-nos o seu modo de vida e a sua cultura. Nesse fecundo texto Murilo Mendes explora a imagem de uma poesia que se preocupa em representar um contexto diferente para a formação nacional. De forma bastante irreverente os versos do autor estudado conseguem a representação de um eu lírico crítico e social. Sob o olhar irônico as imagens poéticas, encontras no trecho acima, identificam o processo de colonização do Brasil como um mercado de comerciantes em que todos poderiam ter livre acesso. É verdadeiramente a desconstrução, tendo como base o passado, de modelos já preestabelecidos, de postulados impostos por um modelo centralizador, numa tentativa de se buscar algo inovador, isso porque:

Embora ainda nos limites do que se desconstrói ele propicia as ações posteriores – ações transgressoras – que consistem em determinar uma outra conceituação de princípios que não sejam a mera oposição do que se denunciou como privilégio mas que se configure como algo diferente, novo, inesperado até.¹³

Assim, logo veremos que num outro poema o inesperado ocorre, pois é em “A pescaria”, que a origem da nação brasileira é satirizada pelo autor:

Foi nas margens do Ipiranga,
Em meio a uma pescaria.
Sentindo-se mal, D. Pedro
– Comera demais cuscuz –

¹² MENDES. *História do Brasil*, p. 18.

¹³ GOULART. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*, p. 27.

Desaperta a barriguiha
E grita roxo de raiva:
“Ou me livro desta cólica
ou morro logo d’ua vez!”
O príncipe se aliviou,
Sai no caminho cantando:
Já me sinto independente.
(...)
A tuna de Coimbra surge
Com as guitarras afiadas,
Mas as mulatas dengosas
Do Club Flor do Abacate
Entram, firmes, no maxixe,
Abafam o fado com a voz,
Levantam, sorrindo, as pernas
E a colônia brasileira
Toma a direção da farra.¹⁴

De acordo com Murilo Mendes a colônia brasileira tomou a direção da farra, reafirmando os ideais de Oswald de Andrade, quando diz que nunca fomos catequizados, o que os brasileiros fizeram foi o carnaval. Nós somos os índios vestidos de senadores, ou cheios de sentimentos portugueses, uma nação formada a partir de elementos heterogêneos e não homogêneos como queriam os românticos.

Dessa forma, o poeta é o índio, que identificamos em “Testamento do Sumé”:

Saí do seio de Jaci,
Nas asas me pendurei
Do grande, temível Tupã;
Caí direto no mar,
Entrei na igara veloz,
Depois alcancei a terra,
Atravessei o sertão
Comendo bichos do mato;
Caaporas me ajudavam;
Curupiras vão na frente
Pra me mostrar o caminho;
Entrei na taba dos homens,(...)

(...) Depois ao homem ensinei
A cuidar da terra dele,
Conforme boa receita
Que me deram lá na lua;
Plantei a boa mandioca
Que se transforma em farinha.
As fazendas prosperavam.
Quem fez tudo aquilo, eh!
Não foi ninguém, foi Sumé.
Pensam que me nomearam
Cacique supremo d’ eles?

¹⁴ MENDES. *História do Brasil*, p. 46.

Qual nada, me desprezaram,(...)¹⁵

Na interpretação do fragmento fica evidente uma intenção do eu lírico em se identificar com o índio, aquele que era o dono das terras brasileiras, que ensinou o homem a cuidar desta terra, a plantar a mandioca e a fazer tudo prosperar. Entretanto, percebe-se que esse índio é desprezado e maltratado. Nesse poema o eu poético revela, numa postura desconstrucionista da história do Brasil, aquilo que nossos antepassados colonizadores fizeram com os grandes nativos da nação brasileira, os quais já tinham uma tradição agrícola. Dessa forma, no trecho citado, o índio aparece como se ele fosse o invasor, mas, na verdade, foi ele que produziu e cultivou, invertendo os papéis da história oficial. O poema tematiza, assim, uma transformação cultural ocorrida no início da nossa colonização, quando o que houve, na verdade foi um processo de aculturação dos nativos.

As imagens desconstrucionistas também aparecem quando a voz poética tematiza sobre o negro, importante elemento fundador da nação brasileira no poema "Cantiga dos Palmares". Representando a influência do povo africano na nossa cultura, Murilo Mendes reproduz a fala e o comportamento do negro, como podemos notar nestes fragmentos do poema:

Seu branco, dê o fora,
Deixe os nego em páis.
Nóis tem cachacinha,
Tem coco de sobra,
Nóis tem iaiá preta,
Nóis dança de noite;
Nóis reza de noite;
Nóis reza com fé.
Seu branco é demais.
Praquê que vancêis
Foi ruim pros escravo,
Jogou no porão
Pra gente Morrê
Com falta de ar?¹⁶

O autor aproveita, assim, para tecer o seu olhar crítico e indignado sob a crueldade e a ruindade praticada contra os negros no Brasil, mostrando os seus movimentos de revolta contra a escravidão e a violência com que os negros foram tratados nestas terras, como aparece na segunda estrofe desse mesmo poema:

¹⁵ MENDES. *História do Brasil*, p. 14.

¹⁶ MENDES. *História do Brasil*, p. 26.

Seu branco dê o fora,
Sinão toma pau
Aqui no quilombo
Quem manda primeiro
Deus nosso sinhô,
Depois é São Cosme
Mais São Damião,
A Virge Maria,
Depois semo nós.¹⁷

O negro teve também o seu momento de construção da história brasileira. Com a sua força de trabalho, com a sua cultura e sua grande contribuição ajudou a formar, na visão do poeta, a nossa identidade nacional. Fato esse que não estaria, numa visão crítica e desconstrucionista, bem destacado pela história dita oficial, e que na verdade é dessacralizada pelos textos de Murilo Mendes em *História do Brasil*.

Em outro poema, “Canção do soldado”, aparecerá novamente uma imagem desconstruída pelo eu lírico. Desta vez a imagem poética se tornará um elemento não positivo na constituição da nação. O poeta é o soldado preguiçoso e malandro e não aquele homem forte batalhador que lutou pela grandeza da sua pátria:

Eu sou a guarda da pátria.
Sou amado pela pátria.
Mas não correspondo não.
Tenho um rabicho febril
Pela bandeira auriverde.
(...)
Quero paz e quero amor.
Chega dia de parada
Já estou caindo de sono
No fim de duzentos metros:
Fico olhando pras mulatas,
Esqueci, saí da linha,
Felizmente não faz mal,
O major também saiu¹⁸

O leitor mais atento percebe claramente uma imagem grandiosa desconstruída, isso porque o soldado, representado nesse poema, é um sujeito que não quer nada com o trabalho, pois esse personagem só quer mesmo é paz e amor. Quando chega o dia de mostrar serviço ele já está caindo de sono. Esse soldado não se preocupa nem um pouco com a defesa do país. É certo que ele ama o Brasil e as cores da bandeira, mas o que ele gosta mesmo é de ficar olhando para as mulatas em dia de parada. Sair da linha, para o

¹⁷ MENDES. *História do Brasil*, p. 26.

¹⁸ MENDES. *História do Brasil*, p. 74.

soldado muriliano, também é coisa normal, uma vez que até o major, outro personagem do poema, já o fez. Isso pode representar uma crítica do autor à famosa malandragem dos brasileiros de que tudo é normal, já que todos se comportam assim numa paz aparente e mascarada.

As representações dessa imagem podem ser reafirmadas a partir das palavras de Reinaldo Marques, quando diz que:

As imagens do poeta e da poesia que circulam pela tradição literária brasileira, menos que afirmar a potência de sujeitos criadores, representam o percurso e a crise de uma formação discursiva num espaço cultural específico: o discurso poético na literatura brasileira. Percurso e crise relacionados às transformações históricas e às alterações dos meios materiais de produção do discurso. Frente às mudanças e precariedade dos meios, tais imagens procuram garantir certa continuidade do discurso, conferir-lhe uma lógica, uma coerência, alcançando para o sujeito que o enuncia o reconforto da unidade, da identidade. Como emblemas da crise essas imagens pertencem ao mundo da representação.¹⁹

É por isso que as imagens da poesia e do poeta imaginadas por Murilo Mendes estarão relacionadas às transformações dos meios discursivos, agora impostos a esse período em que ele está inserido. Motivados pelas mudanças ocorridas na mentalidade de muitos idealizadores do movimento modernista, eles irão construir uma nova identidade nacional, agora numa tentativa de evidenciar através da arte a cara real do Brasil. É dentro dessa perspectiva de transformações que o eu lírico se transforma agora no jeca, o matuto, o típico homem do interior, com toda a sua tradição, representado no poema “O discurso do filho do Jeca”:

Modesto assim como sou,
Vou cultivando a fazenda;
O sacrifício é bem grande
Mas a sorte é bem maior.

A tradição não me pesa.
Quem foi mesmo meu avô?
A obrigação não me pesa
De ser nacional demais.(...)

Não fico assim assombrado
Com o progresso dos outros.
Eles são muito mais ricos,
mas trabalham muito mais.(...)²⁰

¹⁹ MARQUES. Poeta e poesia inconfidentes: um estudo de arqueologia poética, p. 90.

²⁰ MENDES. *História do Brasil*, p. 86.

O Jeca é a figura do brasileiro modesto que vai cultivando a terra, preso aos seus costumes tradicionais e despreocupado com o progresso dos outros. Ele não se preocupa com a riqueza dos ricos estrangeiros que vieram investir no Brasil no início do século 20, pois eles também trabalham mais e se mudaram para cá, em busca de nossas terras, tão boas e ricas. Na imagem esperançosa do Jeca o estrangeiro pode até ter mundos e fundos, como é descrito em outro trecho do poema, mas o dia dos brasileiros há de chegar, pois a terra e a gente são boas. Dessa forma o eu lírico, representado na figura do Jeca, é, assim, a encarnação do comodismo e da conformidade, mas também da esperança de que no futuro tudo poderá mudar para melhor. Entretanto, percebe-se que esse sentimento de esperança é representando ironicamente e de forma bastante irreverente pelo eu poético, já que para o brasileiro basta “sentar e esperar”, assim como o Jeca.

Numa referência ao personagem criado por Monteiro Lobato em *Urupês*, talvez essa seja uma das maiores ironias da obra de Murilo, uma vez que Lobato, já no Pré-Modernismo, antecipa esse protótipo de brasilidade. Para Murilo Mendes, a imagem do Jeca é uma referência ao comodismo do brasileiro da sua época, que não se preocupa muito em crescer, em buscar o progresso e a evolução, que já contaminava todo o mundo no início do século XX. O filho do Jeca é, no imaginário do poeta, aquele que já conseguiu uma vida razoável e que se contenta com esse tanto, carregando a imagem de um ser sem grandeza, nem ideais.

As imagens de uma poesia da desconstrução se constroem, assim, a partir de elementos que se contrapõem a um modelo construído ao longo de anos e proposto por um processo de colonização eurocentrista. É a visão modernista do gosto popular, da aproximação com o coloquial e com as tradições do povo, ou seja, uma perfeita demonstração do gosto pelas coisas populares. Os elementos recorrentes nos poemas de *História do Brasil* representam os personagens que compõem os fatos narrados da nossa história oficial e a imagem da nação, e esta será uma construção discursiva desconstrucionista de Murilo Mendes em torno dessa história.

Para concluir, gostaríamos de ressaltar, usando as palavras de Michel Foucault, de que a obra literária não pode ser considerada como uma unidade imediatista, muito menos como uma unidade homogênea. Assim, podemos ler essa nova *História do Brasil* muriliana como uma imaginação frutificadora de poemas para novas imagens nacionais a partir daquilo que propôs Jacques Derrida, como sendo a desconstrução. Levando-se em conta essa primeira fase do poeta, de uma ironia devastadora, entende-

se, assim, que o que sua mente criadora teve foi a intenção de fazer, a partir de sua arte poética, feita com humor e despreendimento, uma redescoberta do Brasil. Com efeito, elevamos os poemas de Murilo ao caráter de história do país. Mas história contada sob o olhar crítico e irônico de quem não se deixou influenciar pelas forças de um sistema totalizante e passadista. Que se deixou influenciar sim, mas pelas bases de reconstrução do passado, pelo resgate da tradição daqueles que realmente formaram a nação brasileira miscigenada e heterogênea como ela é, isso porque: “A presença de um elemento é sempre uma referência significativa e substitutiva inscrita num sistema de diferenças e o movimento de uma cadeia.”²¹

Vale lembrar que, ao realizar suas reflexões através de um jogo do diálogo com o passado, o autor coloca em choque a história oficial. Ele joga com processos já estabelecidos, deixando de lado velhas concepções, quebrando velhos princípios e postulados. É nesse sentido que paira o reflexo das representações poéticas de Murilo Mendes em *História do Brasil*, uma vez que as imagens da desconstrução buscam uma representação espelhada na qual o eu lírico possa se mirar. Imagens desconstrucionistas que levarão a um entendimento da noção de pátria que não será apenas aquela institucionalizada pela burguesia. O que se lê, então, nos poemas de Murilo Mendes, são imagens do Brasil, mas inovadoras, numa tentativa de se desconstruir o passado e instaurar uma outra identidade para o país, sendo o avesso daquela, instituída pelo dominador, representando assim o encontro do povo com sua cultura e suas raízes. Uma identidade construída a partir da anedota e do sorriso, que sabe revisitar o passado e transformá-lo num presente rico de brasilidade e popularidade.

ABSTRACT

This study proposes to make an analysis of the deconstructionist stance adopted by the poet Murilo Mendes in the poems that comprise his work *História do Brasil*. Produced soon after the initial phase of Modernism, and considered the most radical and daring, the poems in this book serves perfectly as a basis for reading what Jacques Derrida has proposed as the dismantling of principles and postulates. In short, in an attentive reading of Mendes' poems one can discover meanings

²¹ DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 248.

that are not revealed at once to the reader, because they deconstruct a historical legacy built throughout the years, and propose a new identity and history typically national.

KEYWORDS

Image, deconstruction, Modernism, national history, identity

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989. Traduzido do original em inglês *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983.
- BERND, Zilé. *Literatura e Identidade Nacional*. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz M. Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Coleção Debates Dirigida por J. Guinsburg.)
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GOULART, Audemaro Taranto. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*. Belo Horizonte, 2003. Programa de Pós-Graduação em Letras Literaturas de Língua Portuguesa – PUC/MG.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico.)
- MARQUES, Reinaldo. Poeta e poesia inconfidentes: um estudo de arqueologia poética. In: DUARTE, Lélia Parreira. *Teses*. Belo Horizonte. Programa de Pós-Graduação da FaLE/UFMG, 1993.
- MENDES, Murilo. *História do Brasil*. Organização, introdução e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- SILVA, Francis Paulina Lopes da. *Murilo Mendes; Orfeu transubstanciado: ensaio*. Viçosa: UFV, 2000.
- TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.